



129
Beluzzo, Milliet e Longo: renovação da indústria

Importação agrada economistas

SÃO PAULO — O superávit comercial registrado pelo país no mês de abril, que atingiu a marca recorde de US\$ 1,9 bilhão e elevou o saldo acumulado deste ano para mais de US\$ 5 bilhões, torna a liberação controlada de importações anunciada pelo governo na semana passada mais do que oportuna. Segundo economistas de tendências diversas ouvidas ontem pelo JORNAL DO BRASIL, tal liberação tornou-se necessária.

"Não podemos simplesmente sentar em cima de um superávit desse tamanho", opina Fernando Milliet, ex-presidente do Banco Central. Para ele, a abertura para as importações teria três consequências positivas. A primeira, seria elevar a competitividade da economia, ajudando na estabilidade dos preços. A segunda, seria a criação de estímulo para que os empresários reequipassem o parque produtivo, que nesta década teve um nível de renovação muito baixo. Por fim, Milliet acredita que elevar as importações, sem diminuir as exportações, é uma forma de evitar o aumento do fluxo de divisas para o bolso dos bancos credores.

"Importar é muito bom para a economia", concorda Carlos Alberto Longo, professor da Faculdade de Economia da Universidade de São Paulo. Longo acredita que os números da balança comercial brasileira — com importações equivalentes a 5% do Produto Interno Bruto (PIB), e exportações que não atingem 10% do

PIB, estimado em US\$ 300 bilhões — podem ser dobrados. "Se aumentarmos as importações e as exportações, toda a economia aumenta em escala", raciocina Longo.

Dívida — Ao contrário de Milliet, porém, o professor Longo não vê nada de errado em que o Brasil use parte do excedente inesperado da balança comercial para saldar parte do estoque da dívida externa brasileira atrasada. "Não vejo inconveniente em usar parte das divisas inesperadas para liquidar a dívida de estoque", afirma.

Luiz Gonzaga Belluzzo, chefe da Assessoria Econômica do ex-ministro da Fazenda Dilson Funaro, discorda frontalmente dessa opinião. Belluzzo sustenta que o aumento das remessas é danoso para o país, embora convenha aos bancos. Acredita, também, que o próprio superávit comercial — construído à base da recessão e do achatamento das importações — pode trazer efeitos perversos para a economia como um todo.

"Este superávit repercute negativamente nas finanças públicas, eleva as taxas de inflação e acaba por provocar aumento das taxas de juros, reduzindo ainda mais as iniciativas de investimento", diz Belluzzo. "As consequências negativas de uma política desse tipo, que também foi aplicada na Argentina, vão ser sentidas a médio e longo prazo", prevê.